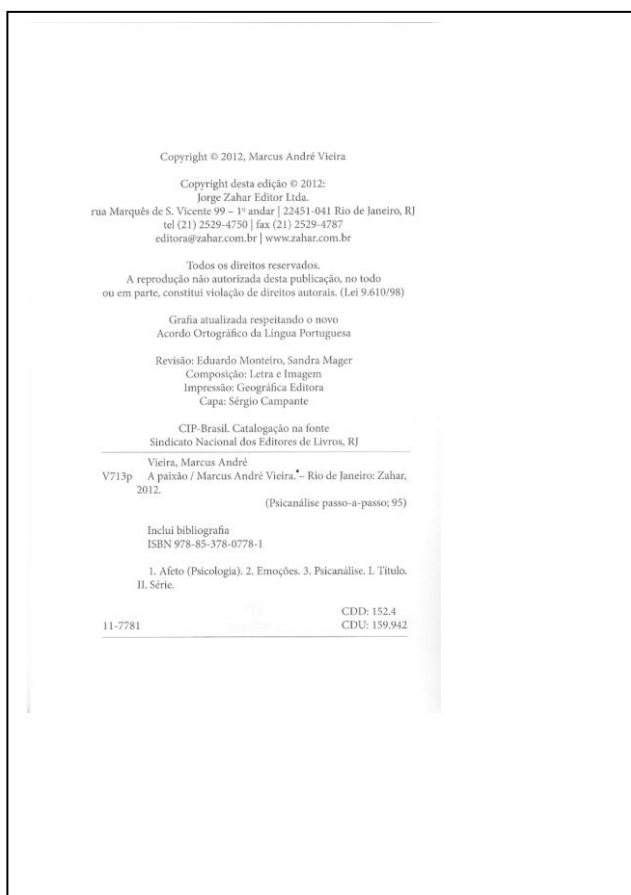


[http://www.zahar.com.br/catalogo\\_detalhe.asp?id=1473](http://www.zahar.com.br/catalogo_detalhe.asp?id=1473)



Sumário	
Introdução	9
Da emoção à paixão	11
Temor e piedade, 11 • A inveja e o ciúme no espelho, 13 • Do homem ao rato, 15 • Descentramento e paixão, 17 • Amor à vista, 19 • Divinos detalhes, 21 • Representação, 24 • Pulsão, hiância e texto, 27 • Não há afeto inconsciente, 29 • Cargas e ameaças, 31 • Darwin com Freud, 32 • O singular em cena, 34	
O perigo das origens	37
Abuso, 37 • Tédio, 38 • Violência, 40 • Ódio, raiva e cólera, 43 • Histeria e obsessão, 46 • Da suspeita à proeza, 48 • Perda e perigo, 50 • Desespero, 51 • A saudade e o resto, 53 • Alegria, 57 • O carnaval da mania, 59	
Ética e paixão	61
A ética, a moral e o monstro, 61 • O teatro da purgação, 64 • Erotologia, 66 • Traço, 68 • Ela, 71 • Bem-dizer, 73 • Riso, 76	
Referências e fontes	78
Leituras recomendadas	84
Sobre o autor	85

## Introdução

“Viver uma paixão é demais!”, “É coisa de louco”. Quem já não ouviu algo assim? Afirma-se nisso duas coisas: a paixão é desmedida, sempre transborda e é também, insensata, ignora razão e bom senso.

Aproximar a paixão do destempero, por um lado e da desrazão, por outro, são dois verdadeiros clichês. Este livro os endossa do início ao fim, pois é desse modo que ela se apresenta na experiência da psicanálise. Uma análise não se contrapõe ao sentimento, não visa disciplinar pelo saber o que não tem remédio, nem nunca terá - o que não significa que se vá resignar com ele. Ela joga o jogo da paixão, que inclui um tanto de ignorância irreduzível, até levá-la a um novo destino.

Não é fácil, ainda mais porque nossos dias, porém, insistem em trilhar o caminho oposto. Por um lado, tomam-se os afetos como variações de uma energia vital suposta, cujas taxas poderiam ser mantidas em níveis controlados. É o que sustenta o mito de uma autoestima que nunca deve estar em baixa. Por outro, assume-se nosso sentimento como muito próximo àquele do ratinho de laboratório e, assim, basta estudar um para apreender o outro, deliberadamente desconhecendo-se o que há de estranheza na paixão.

É bem verdade que Freud abordou o afeto com base em seu conceito de libido, definida mais de uma vez como energia, assim como fez uso de várias analogias com o primitivo ou o ancestral em nós. No entanto, a teoria freudiana do afeto, assim como sua metapsicologia de modo geral, é uma construção provisória, instrumental, a serviço do trabalho de uma análise. A leitura da clínica psicanalítica, empreendida ao longo de três décadas, por Jacques Lacan, destaca, no entanto, o quanto, em uma análise, a paixão mantém-se como lugar de uma insensatez que hoje tudo trabalha para esvaziar.

Para delimitar esta novidade freudiana, Lacan aproxima dois campos aparentemente opostos: ética e paixão. É seu modo de nos fazer entender como se lida, em uma análise, com isso que não cabe. A articulação entre ética e paixão nos servirá de guia para abordar o afeto, na psicanálise, como modo de lidar com este excesso. Ele não é o mesmo de todo dia, mas nem por isso é menos real.

É estranha a aproximação entre ética e afeto, pois costumamos dar plenos direitos à emoção subindo à cabeça. “É mais forte que eu”, ouço-me dizer ao enveredar por estranhos caminhos e infringir minhas próprias regras de conduta. Tudo faz crer que os códigos de moral recobririam apenas compromissos racionalmente assumidos e que o inconsciente não apenas desconheceria tempo e lógica, como também ética.

Seguiremos a trilha de sentimentos específicos assinalados por Lacan para mostrar como, em uma análise, me separo da ideia de que devo equilibrar minhas energias, ou ainda de que só é possível ir até onde vai a liberdade de meu parceiro. Afasto-me do caminho do meio, da justa medida e da sabedoria que pautam minhas ações na cidade e permito-me avançar onde violência e paixão ditam as regras.

O que fiz com o que fizeram os outros de mim será o fio condutor do percurso analítico, que extrai dessa verdadeira epopeia suas coordenadas essenciais. Neste caminho, valores morais decalcados da família e da comunidade se eclipsam; restarão somente os reapropriados a partir da reescrita singular de uma história. Essa reescrita não é um conhecimento, apenas um novo roteiro. Ele inclui, porém, as marcas de nossa singularidade, sempre incômodas.

Fazê-las caber na vida que se leva é a exigência que preside o dispositivo analítico. Nenhuma sabedoria delas se depreende, mas inaugura-se, ali, a possibilidade de uma responsabilidade nova, pois nossa vida será sempre habitada por um excesso que não deixará jamais de surpreender, de provocar risos e escândalo e de exigir que a cada esquina estejamos à altura do que nos apaixona.